

6

Conclusão - A título de conclusão: desconstrução e invenção

Desde o primeiro contato com o pensamento de Jacques Derrida experimenta-se com um certo temor a estranheza de sua escritura. Ao mesmo tempo em que se percebe a sinuosidade dos caminhos que ela abre - o evitamento de soluções rápidas para as questões que se desdobram na sua meditação profusa, a abordagem que preserva em relação a um tema, seu poder de instigação que não cede ao desejo de domesticação do mesmo -, convive-se com uma clareza e simplicidade extrema quanto àquilo que move o pensar.

Para fechar este percurso sobre a sua obra, optei por não apresentar uma conclusão, mas por insistir ainda num último tema que atesta o fato de que, na desconstrução, *complexidade e simplicidade não se excluem, não se opõem*. Este tema é o da invenção como invenção do impossível.

Em "*Psyché – inventions de l'autre.*"¹, Derrida afirma que um desejo de invenção persegue o pensamento contemporâneo. A compreensão deste desejo começa pela compreensão do que guarda a idéia de invenção, que é destacada em detrimento da idéia de imaginação, criação, produção. Abordando este conceito segundo a lógica que caracteriza o seu pensamento, Derrida põe em risco a noção de invenção, abrindo-a para um horizonte que não mais se prende ao horizonte das possibilidades e cálculos que nela pressupomos, mas exigindo-a a partir de um *desejo de impossível*, de invenção daquilo, que como impossível, não pode ser inventado. Tarefa da desconstrução, que, insisto, não pretende resolver as tensões e aporias com que o pensamento sempre se defronta, mas, ao contrário, vê na intensificação e no acolhimento da tensão a chance de abertura para o inesperado, para o desarmamento de posturas há muito cristalizadas. Cito:

.... em que um movimento de desconstrução, longe de se limitar às formas negativas ou destruturantes que lhe emprestamos freqüentemente com ingenuidade, pode ele ser inventivo nele mesmo? Ou ao menos o sinal de uma inventividade em obra num campo socio-histórico? E enfim como uma

¹ Derrida, Jacques. "*Psyché – Inventions de l'autre*" In : *Psyché – Inventions de l'autre*. Paris: Éditions Galilée, 1987, 1998. Doravante referido como PSY I..

desconstrução do conceito mesmo de invenção, através de toda a riqueza complexa e organizada de sua rede semântica, pode ela ainda inventar? Inventar mais além do conceito e da linguagem mesma da invenção, de sua retórica e de sua axiomática?²

O que significa este reinventar que se reivindica contemporaneamente? Por que inventar e não imaginar, produzir ou criar? Inventar, que não é criar a partir do nada, que não é dar existência a algo, mas *descobrir pela primeira vez*:

Ela [a invenção] descobre pela primeira vez, ela desvela aquilo que já se achava aí, ou produz aquilo que, enquanto *tekhne*, não se achava aí mas não é também criada, no sentido forte da palavra, somente agenciada a partir de uma reserva de elementos existentes e disponíveis, numa configuração dada. Esta configuração, esta totalidade ordenada que torna possível uma invenção e sua legitimação, põe todos os problemas que vocês sabem, a chamemos, totalidade cultural, *Weltanschauung*, época, *épistémè*, paradigma....³

Toda invenção, como desvelamento ou produção de *uma primeira vez*, deve perturbar, romper, desprezar, o instituído, o estatuído, pois, sem isso, não seria uma invenção; contudo, por outro lado, não há invenção sem instituição, sem estatuto. Como diz Derrida, tudo aquilo que é inventado implica tanto uma *primeira vez* como *todas as vezes*. Seja uma máquina, um dispositivo técnico ou um poema, a primeira vez implica todas as outras vezes, pois ela *já* traz a exigência, a necessidade de repetição - a invenção inaugura e instala, disponibilizando um poder que se abre para todos. Mais ainda, uma invenção como um *descobrir pela primeira vez* também precisa ser única, e, por isso, sua primeira vez é também a sua última vez, restando a repetição.

Assim, o que quer que inventemos, uma máquina ou um poema, implica tanto num acontecimento inaugural quanto numa iterabilidade: “Inventar é produzir a iterabilidade e a máquina de reproduzir, a simulação e o simulacro.”⁴ Podemos pensar para além desta lógica? O que poderia romper esta repetição?

Segundo Derrida, a invenção que se dá tanto na pré-modernidade não industrial - *invenção desveladora*, “descoberta desveladora daquilo que já se achava lá (existência ou verdade)”⁵, como na modernidade industrial reprodutiva, *invenção produtiva*, dispositivo maquinico capaz de uma certa independência auto

² PSYI, pp. 33-34

³ PSY I, p.35/6

⁴ PSY I, p.47

⁵ PSY I, p.42

reprodutiva⁶, é invenção do *mesmo*. Ambas são programáticas, pertencem e perpetuam uma economia que, por mais que acolha o aleatório, ainda se encerra na ordem do calculável. Em ambas, o gesto inovador precisa ser capturado por uma máquina de reprodução, de instituição, que ao se instaurar *apaga as marcas de sua construção*. Há uma indecidibilidade entre elas, já que ambas fazem parte do processo do *mesmo*. Derrida conclui: é delas que estamos cansados. Já programamos tanto que estamos cansados. Na invenção do mesmo, a única que conhecemos, não há surpresa absoluta. Coloca-se, então, como reivindicação da atualidade, o desejo de uma outra invenção: invenção do impossível. É por esta que esperamos e ansiamos. Mas, pergunta Derrida: “Invenção do impossível, por isso impossível seria ainda invenção?” Mas não se vai ao encontro da invenção, lembra Derrida, pois, deste modo, estaríamos ainda encerrados na lógica do programa, do cálculo. A invenção é que vem; podemos apenas acolhê-la. É ela que a desconstrução possibilita:

E, porque, este desejo de invenção, que vai até, ao ponto de, sonhar inventar um novo desejo, permanece contemporâneo, certo, de uma experiência de fadiga, de esgotamento, de exaustão, mas acompanha, também, um desejo de desconstrução, indo até levantar a *aparente contradição* que poderia haver entre desconstrução e invenção.⁷

Não aceitando esta contradição, a desconstrução, como invenção, e não mais como criação, imaginação, produção, interpretação, instala o impossível como aquilo que sustenta e singulariza o desejo em nossos dias. Diz Derrida: “O impossível de que muitas vezes falo não é o utópico, ao contrário, dá o movimento mesmo ao desejo, à ação e à decisão, sendo a figura mesma do real. Ele tem sua solidez, proximidade, urgência”.⁸

Mas, afinal, o que se pode dizer desta invenção que vem do *impossível*; o que interessa nela, para além do poema ou da máquina, que uma invenção desveladora ou produtora traz? A invenção como invenção do *outro*, do *impossível*, *não nos traz nada, pois isto seria ainda o possível*, ela apenas acolhe e exhibe num gesto paradoxal, “que consiste em desafiar e exhibir a estrutura precária de suas regras: respeitando-as pela marca de respeito que ela inventa”.⁹ Gesto

⁶ cf, PSY I, p.42

⁷ PSY I, p.35. Grifo meu.

⁸ DERRIDA, J. – *Papel-máquina*, traduzido por Evando Nascimento.. São Paulo: Estação Liberdade, 2004, p.325.

⁹ PSY I, p.59.

perverso, diz Derrida, a respeito de “*Fable*” de Francis Ponge, em torno da qual toda a discussão sobre a invenção se dá em *Psyché – inventions de l’autre*. Expor as suas própria regras, superando-as, e não expondo apenas os efeitos que tais regras engendram e articulam, é expor o que não pareceria possível, é lidar com o possível assim como com o impossível - o gesto duplo da desconstrução que sempre se faz com as duas mãos: uma que propõe, impõe e constrói, e outra que, ao mesmo tempo, de um modo desconcertante, denuncia aquilo que faz.

Voltada para o impossível, a invenção surpreende no construir, no desvelar, no produzir, no interpretar para além de todo efeito suplementar (poema ou máquina) que desencadeia. Movimento suspensivo que interrompe o processo do mesmo: apropriação infinita dos suplementos que se disponibilizam sempre dentro da ordem do calculável, do possível. É a este movimento suspensivo que *Fable* nos expõe, movimento de abertura ao impossível porque nele a invenção, ao inaugurar e oferecer um dispositivo textual, fala dela mesma como um começo, reflete sobre ela mesma, como diz Derrida, numa estrutura reflexiva que não somente “não produz coincidência de si ou presença a si, mas projeta melhor o advento de si do ‘falar’ ou do ‘escrever’ como outro, quer dizer como rastro”.¹⁰ Eis a fábula de Ponge:

FABLE

*Par le mot par commence donc ce texte,
dont la première ligne dit la vérité,
mais ce tain sous l’une et l’autre
Peut-il être toléré?
Cher lecteur déjà tu juges
Là de nos difficultés...*

(APRÉS sept ans de malheurs
Elle brisa son miroir).

*Pela palavra pela começa então este texto,
Cuja primeira linha diz a verdade,*

¹⁰ PSY I, p. 52.

*Mas este aço sob uma e outra
 Pode ele ser tolerado?
 Caro leitor você já julga por aí
 As nossas dificuldades ...*

(DEPOIS de sete anos de infelicidade
 ela quebrou seu espelho)

*

O estranhamento que o poema provoca resulta da atualização de uma cena da qual é difícil desembaraçar-se. *Fable* instala o espelho, faz-nos ver o espelho, impede a transparência celebrada na repetição. *Instaura uma cena de luto impossível, um não poder fazer o luto da origem que ela mesma cria.* Gesto que, ao falar de seu começo no momento onde ele se dá, acolhe a confusão, a indecidibilidade, pois *Fable* é um performativo que se surpreende como tal, e narrando-se a si mesma, suspende a barreira entre performativo (produzir, instituir) e constativo (descobrir, desvelar, dizer o que é), volta-se para o impossível, ao estabelecer-se num registro que desarruma as oposições, insubordinando-se àquilo que as separa e organiza.

O desejo de invenção de impossível, de acolhimento e abertura para a indecidibilidade que escapa a todo cálculo que a invenção do mesmo produz, é a marca do pensamento derridiano. Terminando afirmando, mais uma vez, que, na desconstrução, a sustentação da “origem” sempre dividida entre inauguração e repetição é o que pode nos trazer alguma possibilidade de pensar uma ética que não se comprometa logo de saída com a lógica que o cálculo desenha. Abordar temas éticos a partir de uma abertura para o impossível permite a proposta de um *para além* de qualquer horizonte que todo humanismo instaura. Nas palavras de Caputo:

O ‘impossível’ não é uma simples contradição lógica, como x e não-x; mas uma tensão, a paralisia, a aporia, de ter de forçar contra e além dos limites do horizonte, *passage à frontières*. Desejar o impossível é forçar contra os constrangimentos do previsível e do possível, para abrir o horizonte de possibilidade para o que não pode ser previsível ou vaticinado.¹¹

¹¹ CAPUTO, J. *Deconstruction in a Nutshell*, p.133/4.

É, portanto, voltado para o impossível que se desdobra o pensamento derridiano sobre *crueldade, lei, justiça, perdão, amizade, hospitalidade*, temas que esta tese não desenvolve, pois apenas pretende indicar a postura a partir da qual eles devem ser retomados.